GASPAR FERREIRA BALTAR, O "BRASILEIRO" D'*O PRIMEIRO DE JANEIRO*

ALDA NETO

> *"(...) desse homem que deu, dia a dia, ao Primeiro de Janeiro o máximo da sua inteligência magnífica e prática, de sua energia incansável, e ainda do seu amor espontâneo e quasi sobrenatural tornando o seu jornal um dos grandes órgãos da Imprensa Portuguesa. (...)*[1]*"*

QUEM FOI GASPAR FERREIRA BALTAR?

Gaspar Ferreira Baltar constitui um dos muitos portugueses que, no século XIX, partiram para o Brasil, país onde conseguiram alcançar fortuna.

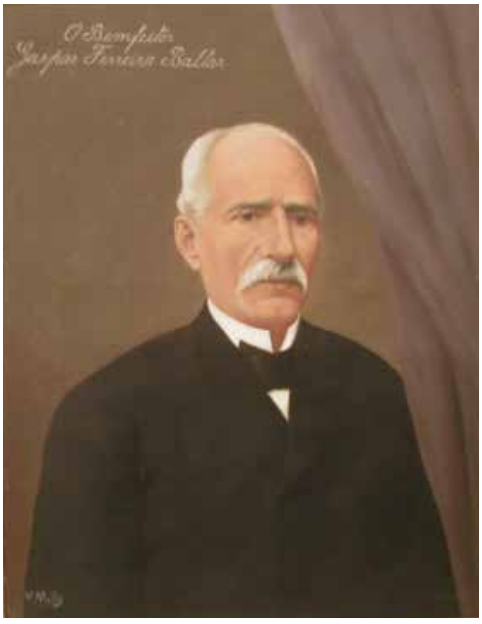
Nasceu a 26 de outubro de 1823, na freguesia de São Martinho, concelho de Penafiel, filho de um militar, o capitão José Ferreira Baltar e de Maria Máxima da Cunha. Com cerca de 22 anos [1845] partiu para o Brasil. Esta partida ficou a dever-se a uma carta de chamada do seu padrinho e/ou irmão Caetano Ferreira Baltar, que já se encontravam estabelecidos no Brasil, na cidade do Rio de Janeiro. Durante a sua estada nesta cidade brasileira começou por trabalhar junto dos seus familiares, tendo posteriormente realizado negócios por conta própria, nomeadamente o comércio de vinhos.

1 BALTAR, 1934: 72.

Casou com Margarida Salgado Baltar, natural de Penafiel, de quem teve dois filhos: Gaspar Ferreira Baltar e Isabel Maria da Cunha Baltar [2].

Terá permanecido no Brasil cerca de duas décadas, durante as quais conseguiu alcançar fortuna. Entre 1866-1867 regressou definitivamente a Portugal, com uma fortuna que lhe permitiu apoiar o movimento da *Janeirinha* [3]. Após o seu regresso dedicou-se à política, sendo inicialmente apoiante do partido reformista e, posteriormente, progressista. Este movimento político conduziu ao aparecimento de um jornal – *O Primeiro de Janeiro*. A sua publicação iniciou-se em 1868, tornando-se um jornal político, sendo nomeadamente o porta-voz do órgão do círculo eleitoral portuense.

FIGURA N.º 1
Gaspar Ferreira Baltar (quadro exposto na Galeria dos Beneméritos da Misericórdia de Penafiel)



2 Isabel Maria da Cunha Baltar casou com o 3.º visconde de Francos, José Henriques de Castro Pereira e Sola. Nasceu na cidade do Porto a 29 de Junho de 1862 e faleceu na mesma cidade a 19 de janeiro de 1945. Formou-se em Direito na Universidade de Coimbra, tendo seguido a carreira da magistratura. Foi nomeado a 26 de novembro de 1927 como juiz conselheiro do Supremo tribunal de Justiça. Deste casamento não houve qualquer descendência. O seu título como Visconde de Francos foi reconfirmado por decreto do rei D. Carlos de 7 de junho de 1900.

3 A *Janeirinha* foi um movimento político ocorrido nas cidades de Lisboa e do Porto em janeiro de 1868, devido à lei de 10 de junho de 1867 que criava o imposto geral de consumo. Este imposto foi bastante contestada pelos comerciantes, tendo sido inclusive criada uma comissão que se deslocou a Lisboa para apresentar o seu desagrado ao rei D. Luís. Um dos elementos que compunha esta comissão era o dr. Delfim Maia.

Para além do movimento da *Janeirinha,* Gaspar Ferreira Baltar envolveu-se em diversas questões políticas relacionadas com o concelho de Penafiel. Durante o mês de novembro de 1869, decorreram as eleições camarárias. Nestas eleições apresentaram-se duas listas concorrentes à Câmara Municipal de Penafiel, sendo uma delas apoiada por Gaspar Ferreira Baltar e a outra por Francisco Vaz Guedes, proprietário da Casa de Barbosa, em Paço de Sousa. A lista apoiada pelo *brasileiro* foi a vencedora. Os resultados obtidos geraram um intenso conflito, motivado pelos valores obtidos pelas listas nas freguesias do concelho de Penafiel.

Para além da política, manteve a atividade comercial e empresarial na cidade do Porto. Foi proprietário da *Nova Companhia de Viação Portuense*. Esta companhia transportava as malas de correio entre as cidades de Braga e do Porto e na região Norte, durante a década de 1870. Esta companhia seria posteriormente encerrada devido à conclusão da ligação ferroviária entre Porto e Guimarães.

Neste mesmo período, Gaspar Ferreira Baltar envolveu-se na construção e alargamento da estrada de acesso a Entre-os-Rios. Desde o mês de Julho até outubro de 1869, foram publicados diversos artigos no jornal *O Primeiro de Janeiro* bem como anúncios de construção. Ao longo do segundo semestre de 1869, foram publicitadas as obras de construção, bem como as expropriações levadas a cabo para a construção da estrada citada. Nos vários artigos publicados no jornal *O Primeiro de Janeiro* e *n'O Comércio de Penafiel* é frequentemente exaltada a intercessão de Gaspar Ferreira Baltar.

Gaspar Ferreira Baltar era um dos associados da *Sociedade de Águas de Entre-os-Rios*, responsável pelo início da exploração das águas termais em 1894. A 10 de outubro deste ano foi publicado no Diário do Governo o alvará de concessão de exploração destas águas. Neste mesmo período, este *brasileiro*, juntamente com Eduardo da Silva Machado e Joaquim França Oliveira Pacheco foram os responsáveis pela construção da Estância da Torre e do seu hotel. Em 1896, foram inaugurados estes edifícios. Posteriormente, em 1911 foi inaugurado o Novo Hotel e, em 1920, uma capela neogótica com a presença do filho de Gaspar Ferreira Baltar e da sua viúva.

Apesar do empreendedorismo demonstrado ao nível da política ou mesmo económico, Gaspar Ferreira Baltar demonstrou uma preocupação com todos aqueles que necessitavam, desde os seus empregados e colaboradores do jornal até aos naturais do concelho de Penafiel.

A Irmandade da Misericórdia de Penafiel foi uma das instituições auxiliada quer em vida quer no testamento deste. Aquando do seu falecimento, em 1899,

doou à Misericórdia 500$00 réis, tal como ao Hospital existente na cidade. Na galeria dos beneméritos da Misericórdia, encontra-se exposto o quadro de Gaspar Ferreira Baltar, junto de outros como o Comendador Rodrigo José de Melo e Souza, um outro ilustre *brasileiro*.

Gaspar Ferreira Baltar visitou o Hospital da Misericórdia de Penafiel bem como o "Asylo das Raparigas" por diversas vezes procurando sempre angariar fundos para a sua subsistência. Em 1894 [ano de inauguração do Hospital da Misericórdia de Penafiel], Gaspar Ferreira Baltar e a sua família acompanharam o conselheiro José Augusto Correa de Barros [4] e Manuel Pereira, redator da Câmara de Deputados numa visita ao Hospital da Misericórdia e ao Asilo das Raparigas. Aquando da visita foram feitas algumas doações pecuniárias para auxiliar quer os doentes quer mesmo as crianças que ali se encontravam.

Em 1899, no seu testamento, doou 1$000 réis a cada um dos pobres de Penafiel que se encontrasse internado no Hospital da Misericórdia. Os outros pobres que não se encontrassem hospitalizados receberiam a mesma quantia. Estas doações deveriam ser levadas a cabo pelo administrador do concelho, António Joaquim de Carvalho e pelo respetivo pároco.

As Irmandades do Carmo, do Calvário, dos Passos e da Senhora da Ajuda foram beneficiadas com 50$000 réis cada uma, de acordo com o testamento deste *brasileiro*.

O Santuário da Nossa Senhora da Piedade e dos Santos Passos que se encontrava em construção e, que na década de 1890, tinha sofrido algumas interrupções devido à falta de dinheiro, foi beneficiado por este *brasileiro* no seu testamento. Entre 1897 e 1899 as obras estiveram paradas, demorando desta forma a conclusão deste santuário. Assim, legou uma verba de 250$000 réis à Confraria de Nossa Senhora da Piedade e dos Santos Passos de Penafiel. Esta quantia permitiu concluir a torre sineira em outubro de 1899.

4 José Augusto Correa de Barros nasceu em outubro de 1835 e faleceu em 1938. Formou-se em Matemática pela Universidade de Coimbra, tendo exercido variados cargos ao longo da sua vida: engenheiro, deputado, conselheiro, par do reino, administrador delegado do conselho administrativo das docas e caminhos de ferro peninsulares, inspector dos incêndios, escritor e jornalista. Em 1898, foi eleito como par do reino, tendo tomado posse a 17 de março do mesmo ano. Foi nomeado sócio honorário da Associação Comercial do Porto.

FIGURA N.º 2
Santuário de Nossa Senhora da Piedade e dos Santos Passos – Penafiel

Os carenciados das freguesias de São Vicente do Pinheiro, Portela e Valpedre foram contemplados com ofertas que deveriam ser distribuídas nos finais das cerimónias fúnebres.

Ao longo do ano de 1899, as irmandades ordenaram a celebração de cerimónias religiosas em honra de benemérito, facto que possibilitou a distribuição de esmolas pelos mais pobres [5].

Gaspar Ferreira Baltar morreu a 29 de junho de 1899 na rua de Santa Catarina, na cidade do Porto, tendo-se preocupado em apoiar os mais carenciados em Penafiel, ficando apenas conhecido como o *"Baltar do Janeiro"*. Este ilustre penafidelense procurou desenvolver a sua actividade de beneficência e empresarial, não demonstrando qualquer preocupação com a atribuição de títulos nobiliárquicos ou de comendas. Em 1869, Gaspar Ferreira Baltar foi agraciado com uma comenda pela actividade desenvolvida como negociante na cidade do Porto

5 As Irmandades de Nossa Senhora da Ajuda e a Real Confraria de Nossa Senhora da Piedade e dos Santos Passos ordenaram a celebração de cerimónias religiosas ao longo do segundo semestre de 1899 em memória deste *brasileiro*.

e como proprietário. No entanto, este título foi recusado pelo *brasileiro,* uma vez que, de acordo com a imprensa e com familiares, insistia em ser conhecido apenas como o *"Baltar do Janeiro".*

Após o regresso do Brasil, Gaspar Ferreira Baltar fixou residência na cidade do Porto. No entanto, possuía duas quintas no concelho de Penafiel, a Quinta da Curveira e a Quinta da Maragoça, nas freguesias de São Paio da Portela e de Valpedre, respectivamente. A imprensa local refere as constantes deslocações de Gaspar Ferreira Baltar e da sua família para as suas propriedades. Em 1861, o jornal *O Comércio do Porto* noticiou a realização de uma receção na Quinta da Curveira, organizada por Gaspar Ferreira Baltar em honra do seu irmão Caetano Ferreira Baltar, emigrante no Brasil [6]. Outras personalidades como o conselheiro José Augusto Correia de Barros ou o conselheiro António Ferreira d'Araújo e Silva.

A Quinta da Curveira foi adquirida em 1851 a Joana Maria Rosa, viúva de José Joaquim Pereira de Vasconcelos, ambos naturais da cidade do Porto. De acordo com a descrição existente na documentação [7], a quinta era composta por: *"(...) cazas nobres sobradadas e telhadas, lojas, adegas, palheiros, eira, beiral e quintal, campos de terra lavradia, bouças de matto e lenha, árvores de fructo e semelle, águas de rega e limada, com seus logradouros e serventias, na maior parte de natureza de prazo e foreira ao Comendador de Sta. Eulália da Ordem, bem como os foros que á mesma Quinta se costumam pagar. (...)"* O *brasileiro* acrescentou, posteriormente, algumas construções tendo procedido a um aumento do edifício habitacional.

O conjunto edificado é composto pelo edifício de habitação e por um conjunto de construções anexas como a adega, o celeiro e pequenos espaços de apoio à atividade agrícola. A adega localiza-se defronte da casa de habitação.

6 *O Comércio do Porto,* 24 de outubro de 1861, n.º 244. "Findo os cortejos, navegou o comboy rio acima ao som da animante musica, entremeada de espaço a espaço com estridente fogo do ar, até que abicou, junto à noite, á povoação d'onde tínhamos partido: ahi desembarcados, seguiram a cavallo, e a longa fila, allumiada por imensos archotes com a musica na frente, tocando por intervallos, chegou finalmente a Curveira, onde os esperava uma linda e vistosa illuminação no frontespicio da casa com arcos e festões, tudo disposto em combinado gosto, fazendo surprehendente effeito immensas bandeiras e flammulas de variadas cores içadas em postes pintados, e suspensas de crusadas cordas em diversas direcções do espaçoso terraço em frente da casa, sendo feliz e mui adequada a lembrança das duas primeiras levantadas em parallelo, por conterem as armas portuguezas e brazileiras, como nações amigas e irmãs. Seguiu-se um beberete ao som da música que tocava no pateo, e depois, em meio da noite, um luzido e bem servido chá com toda a profusão de finos e variados doces. É de justiça confessar que o dono da casa se desvelou em tratar bem e delicadamente, e essa noite passada, jogando-se e em boa conversação, deixou impressões em todos bem agradáveis e sempre memoráveis".

7 Escritura de venda da Quinta da Curveira existente no Arquivo Particular de Gaspar Ferreira Baltar.

FIGURA N.º 3
Quinta da Curveira

Os portões da entrada são ladeados por painéis de azulejos de cor azul e branca, bem como o muro apresenta um rodapé com azulejos policromos.

O edifício de habitação é rebocado e pintado de cor branca, com exceção da moldura das janelas e das portas que são em cantaria de granito. A casa de habitação apresenta alguns painéis de azulejos nas outras fachadas, encontrando-se representadas figuras femininas e cenas históricas. Como exemplo citamos o exemplo de um painel onde se encontra representado o ataque a uma fortaleza/cidade. Neste painel são visíveis algumas embarcações que rodeiam a fortaleza/cidade e a bombardeiam.

FIGURA N.º 4
Postal da Quinta da Curveira (Arquivo Particular de Gaspar Ferreira Baltar)

Esta residência de Gaspar Ferreira Baltar surge referida em diversas obras como a obra de Augusto Soares Barbosa de Pinho – *Portugal Antigo e Moderno,* ou *O Minho Pitoresco,* de José Augusto Vieira. José Augusto Vieira, na obra *Minho Pittoresco* faz referência à Quinta da Curveira da seguinte forma: "(...) Perto do lugar da Corveira, que a estrada real atravessa, e onde virão afluir as estradas districtaes n.º 11-B (de Recarei) e 28-B (de Melres), passa o touriste em frente de uma elegante casa de campo, rodeada de formosos jardins e excelentes pomares. É a casa do comendador Gaspar Ferreira Baltar, proprietário do Primeiro de Janeiro, o jornal que mais larga circulação tem no norte do paiz. (...) [8]".

O autor da obra *Portugal Antigo e Moderno* [9], refere que este deslocava-se frequentemente, nomeadamente no verão, para a Quinta da Curveira em São Paio da Portela (Penafiel).

Como referimos anteriormente, Gaspar Ferreira Baltar estava directamente relacionado com a Estância da Torre quer devido à sua pertença à Sociedade das Águas de Entre-os-Rios, quer pela proximidade geográfica existente entre espaço termal e a sua residência. Assim, surgem referenciadas deslocações de personagens como Rafael Bordalo Pinheiro, António Nobre ou de Alfredo da Fonseca [10]. A 6 de outubro de 1897, o jornal *O Comércio de Penafiel* publicou várias mensagens que foram inscritas no livro de visitas da Estancia da Torre: "Retiro-me depois de 33 dias d'aguas de que tirei bom resultado, assim como dos bons ares d'este apreciável logar. Depois d'uma bronchite chronica fui atacado d'uma congestão pulmonar e pneumonia dupla; achando-me já restabelecido aproveito esta occasião para dizer que as digressões são deveras surprehendentes e não poderei olvidar as quintas dos srs. Conde de Castello de Paiva, Rocha, de Canellas, e da ex.ma família Baltar, cujos proprietários são muitíssimos amáveis. (...) [11]". Desta forma, a Quinta da Curveira constituía um espaço a visitar por todos aqueles que se encontravam alojados nas proximidades.

8 VIEIRA, 1987: 334.

9 LEAL, 1873: 246. "No logar de Corveira, d'esta freguezia [Portela], há uma bonita e rendosíssima quinta, com óptima casa e jardins; matta, com passeios; bosques, pomares, etc., do sr. Gaspar Ferreira Baltar, rico proprietário e capitalista, d'aqui natural, e residente na cidade do Porto, onde é proprietário de uma boa typographia e do jornal politico (que n'ella se imprime) intitulado – Primeiro de Janeiro.

Este cavalheiro, que é geralmente estimado na freguezia, vem aqui passar, com a sua família, uma grande parte do verão. Esta quinta é atravessada pela estrada real de Guimarães a Entre-os-Rios".

10 A presença destas duas personalidades era frequente quer na Quinta da Curveira quer na Quinta da Maragoça, conforme nos foi referido por familiares do *brasileiro.*

11 *O Comércio de Penafiel,* n.º 2 238.

O PRIMEIRO DE JANEIRO

"Foi há sessenta e seis anos que meu pai [Gaspar Ferreira Baltar], regressado do Brasil, para onde tinha ido muito novo em busca de fortuna, criou, após o movimento da Janeirinha, com Delfim Maia, Costa e Almeida, o Enguia do Bolhão e outros, O Primeiro de Janeiro. Ele assumiu a administração do jornal emquanto os letrados do grupo se encarregaram da respectiva direcção [12]".

Após 1868, Gaspar Ferreira Baltar envolveu-se ativamente na publicação de um jornal que espelhasse os princípios defendidos pelo movimento da *Janeirinha* [13]. Desta forma surgiu o jornal *O Primeiro de Janeiro*, cujo primeiro número viu a sua primeira página preenchida pelo programa do Círculo Eleitoral Portuense. A designação atribuída ao periódico está relacionada com o movimento da Janeirinha, tendo sido o jornal publicado pela primeira vez em dezembro de 1868.

Gaspar Ferreira Baltar tornou-se o principal empreendedor do jornal, mas continuou a ter como apoio no jornal os professores Delfim Maia e Costa Almeida e do industrial Faria Guimarães. Posteriormente, juntou-se a este grupo o jornalista António Augusto Leal, cujo nome apareceu no cabeçalho do jornal entre 1868 e 1878.

Entre 1868 e 1870, *O Primeiro de Janeiro* viveu um período conturbado, uma vez que atravessou várias dificuldades económicas e a publicidade era insuficiente,

12 BALTAR, 1934: 72.

13 A *Janeirinha* foi um movimento de protesto contra a lei de 10 de junho de 1867 que implementou o imposto geral de consumo. Esta lei conduziu a inúmeras manifestações em várias cidades do país, entre elas a cidade do Porto. Este movimento de protesto ocorreu em Janeiro de 1868, daí a designação de a *Janeirinha.* Ouviram-se imediatamente protestos, com especialidade no Porto, onde o corpo comercial se reuniu para protestar contra aquele tributo. Nessa reunião decidiu-se, que o comércio não fizesse manifestar os géneros que possuía, que não promovesse despachos na alfândega nem nas barreiras; que cerrasse as portas para evitar os varejos; que fosse a Lisboa uma grande deputação reclamar, perante o rei D. Luís contra o novo imposto. Depois da reunião dirigiram-se os comerciantes à praça de D. Pedro. O Dr. Delfim Maia leu a representação dirigida ao rei, criticando em seguida a política do governo. Estes acontecimentos davam-se em 1 de Janeiro de 1868, véspera da abertura das Cortes. O rei D. Luís recebeu a comissão portuense, e respondeu que recomendaria o assunto ao seu governo, dando a entender que as reclamações populares seriam atendidas. Efetivamente, escrevendo Martens Ferrão ao rei, participando-lhe que o gabinete estudava a maneira de modificar o regulamento, o monarca respondeu que melhor seria que os ministros se ocupassem do adiamento da lei. Esta resposta deu lugar a que o ministério se demitisse, sendo então convidado a formar novo gabinete o duque de Loulé, mas declinando o duque o convite, foi chamado o marquês de Sá da Bandeira, que também pediu escusa. O conde de Ávila, mais tarde marquês e duque de Ávila e Bolama, foi quem se encarregou de resolver a crise, constituindo o gabinete. O novo gabinete apresentou-se às câmaras no dia 7, declarando abolido o imposto de consumo. Fontes Pereira de Melo declarou que votava contra esse ato, o que provocou algum tumulto na câmara. Este movimento ocorrido a 1 de janeiro de 1868 na cidade do Porto deu origem ao título do jornal portuense *O Primeiro de Janeiro,* fundado por Gaspar Ferreira Baltar.

o que obrigou Gaspar Ferreira Baltar a fazer face às despesas correntes com a sua fortuna pessoal. De forma a aumentar as tiragens do jornal, trouxe importantes colaboradores nas áreas literárias, económicas e científicas, como foi o caso de João Chagas ou de Antero de Quental.

Inicialmente, o jornal abordava essencialmente conteúdos políticos, estabelecendo uma crítica ou apoiando os atos governativos de acordo com o ministério em causa. Os outros jornais ideológicos como era o caso do *Revolução de Setembro* ou *O Comércio do Porto* eram, também alvo das críticas deste diário. Simultaneamente, dedicava grande atenção às questões relacionadas com o Porto, como foi o caso da barra do Douro ou da rua nova da Alfândega. Esta abordagem dos problemas locais contribuiu para aumentar a circulação e a venda de jornais entre o público portuense.

Como refere Artur de Magalhães Basto[14], "foi certamente em 5 de abril de 1870, (...) que Gaspar Ferreira Baltar começou a gerir sozinho aquele jornal, cuja propriedade os sócios lhe entregaram em saldo de contas. Em arriscada aventura se metia; mas como ele era notavelmente inteligente, triunfou, como triunfam todos aqueles que teem a verdadeira paixão da carreira que é a sua vocação[15]". A partir daí, Gaspar Ferreira Baltar procurou modernizar e dar continuidade ao jornal, procurando divulgá-lo para além da cidade do Porto e, que este chegasse a um público cada vez mais amplo.

Na década de 1870, o jornal sediou-se na rua de Santa Catarina, tendo-se adquirido máquinas que permitiram aumentar as tiragens. No entanto, as despesas eram demasiado elevadas e Gaspar Ferreira Baltar organizou campanhas publicitárias para aumentar as vendas e angariar publicidade. Simultaneamente, deu início à venda avulsa dos jornais, para além das assinaturas. Para a venda avulsa contratou ardinas.

De acordo com a obra À Hora do Chá[16], escrito pelo filho de Gaspar Baltar, coube-lhe o papel de organizar a venda dos jornais na cidade de Braga, tendo assumido a responsabilidade pessoal em propagandear o jornal que já atingia os 3 000 exemplares.

"Depois de estabelecida a venda no Porto, foi organizá-la em Braga, após o insucesso do seu primeiro emissário. Chegado à velha capital do Minho, encontrou um homem varrendo afanosamente a rua que liga a estação ao centro da cidade. Observou-o. Uma vez convencido de que, pela sua actividade era

14 BASTO, s/d: 129-130.

15 BASTO, s/d: 125.

16 A obra À Hora do Chá foi redigida pelo filho de Gaspar Ferreira Baltar, em que na introdução elabora uma breve biografia do seu pai, destacando, sobretudo o seu papel na fundação e dinamização do jornal *O Primeiro de Janeiro*.

elemento aproveitável, contratou-o. Voltando à estação onde deixara os jornais e ensinando o necessário pregão ao novo vendedor seguiu-o, animando-o. Na Arcada, notou que eram raros os compradores. Então, gritando pelo vendedor, com ar despreocupado e desconhecido, comprou o jornal, abriu-o e, escolhendo lugar que o pudesse pôr em foco, atraiu a atenção dos passeantes, que rapidamente se habituaram ao jornal, tendo meu pai regressado, dias depois com uma venda assegurada de algumas centenas diárias de exemplares [17]".

Gaspar Ferreira Baltar revelou-se bastante astuto no momento de propagandear o seu jornal, tendo inclusive anunciado que a rainha D. Maria Pia tinha mandado fazer uma assinatura do jornal. Este anúncio procura demonstrar uma pública adesão aos princípios defendidos no jornal e uma garantia de ser ele lido no trono.

Para além de toda esta publicidade, Gaspar Ferreira Baltar escolheu os melhores redatores e colaboradores. Entre os colaboradores destaca-se Emídio Navarro [18], que foi, durante muito tempo, o redator político em Lisboa, editorialista e comentador da política interna e externa.

Ao contrário dos jornais diários, o jornal de domingo era em grande formato com vista a serem incluídos um maior número de artigos e de anúncios publicitários. Na separata publicada a 1 de janeiro de 1968 – *Pequena História dum Grande jornal* é referida a importância deste *brasileiro* na organização do próprio jornal: "Todas as noites, antes de deixar o jornal, Baltar ia à administração verificar, no registo diário dos anúncios, o montante deles e, em face das verbas inscritas, decidia então se devia ser publicado o jornal de grande formato [19]".

Nos jornais publicados continuaram a constar artigos, poemas ou folhetins escritos por Camilo Castelo Branco, Antero de Quental ou Teófilo Braga.

Depois de Germano Vieira de Meireles coube a Alberto Pimentel tornar-se o editor *d'O Primeiro de Janeiro*. Convidado por Gaspar Baltar, que lhe ofereceu um salário maior do que aquele que auferia e casa na proximidade do jornal, acabou por aceitar, tendo dado um novo dinamismo ao jornal, que se traduziu num aumento da tiragem.

Em 1876, aparece José de Alpoim como articulista pela primeira vez, tornando-se correspondente do periódico em Lisboa.

17 BALTAR, 1934: 9-10.

18 Emídio Navarro foi descoberto por acaso por Gaspar Ferreira Baltar que um dia numa viagem de comboio para Lisboa, conversou com ele e apercebeu-se de que este seria um grande jornalista. Foi convidado, imediatamente, pelo *brasileiro* para escrever os editoriais do seu jornal.

19 *Pequena História de um grande jornal*.

Em 1877, devido ao grande progresso do jornal, houve a necessidade de trocar as instalações para outras mais amplas, mantendo-se, no entanto, na rua de Santa catarina.

A 1 de janeiro de 1878, o jornal começou a ser publicado com a indicação de "Proprietário – Gaspar Ferreira Baltar". Esta referência manteve-se até 1899, data da sua morte, sendo trocada pela designação de fundador.

FIGURA N.º 5
Primeira página do jornal *O Primeiro de Janeiro*

O PRIMEIRO DE JANEIRO
PROPRIETARIO, GASPAR FERREIRA BALTAR
TERÇA-FEIRA 4 DE NOVEMBRO
ECOS DO VATICANO

Quanto aos assuntos abordados no periódico, estes começaram a diversificar-se, cabendo ao noticiário internacional um espaço importante, como foi o caso das notícias sobre a guerra franco-prussiana (1870-1871). Foram criadas secções mais ligeiras e humoristas como o *Correio da Moda* ou a *Gazetilha*. No entanto, destaca-se uma secção que se manteve desde a criação do jornal até, pelo menos, 1899 – *Portugueses regressados*. Esta secção era composta pela enumeração dos portugueses que regressavam do Brasil, transportados pelos vapores.

No final da década de 1870, o jornal atingiu os 12 000 exemplares diários, tendo assumido nessa época o controlo da redação, Joaquim Pacheco, um funcionário das finanças escolhido por Gaspar Ferreira Baltar pelos seus conhecimentos na área da contabilidade. Joaquim Pacheco tornou-se um associado da empresa, por iniciativa do *brasileiro*.

O Primeiro de Janeiro tornou-se um jornal independente do ponto de vista político, apesar de ter mantido sempre as suas simpatias políticas. Apesar de criticar de forma acentuada os governos regeneradores, homenageou aquando do falecimento personagens como o duque de Ávila e Fontes Pereira de Melo.

Esta linha editorial foi definida por Gaspar Ferreira Baltar, que nunca se envolveu na política. Foram-lhe oferecidos lugares de deputado e de par do Reino, a carta do conselho e até um título nobiliárquico. O *brasileiro* recusou sempre estes títulos. "Certo chefe político, estranhando tal isenção, perguntou: 'Mas, que

quer ele?'. O dito teria sido repetido ao proprietário do jornal, que respondeu: 'Quero ser apenas o Baltar do Janeiro, esse título me basta!' Na verdade, o 'Baltar do Janeiro' era respeitado por todos e mesmo temido [20]".

O BRASIL N'*O PRIMEIRO DE JANEIRO*

Como temos vindo a referir o *brasileiro* Gaspar Ferreira Baltar teve um papel importante neste jornal, primeiro como fundador, posteriormente como administrador e grande dinamizador.

Este emigrante manteve contactos com o Brasil, quer através dos seus familiares que aí permaneceram quer através das rubricas criadas no seu jornal que noticiavam quer acontecimentos relacionados com o Brasil, quer as atividades desempenhadas pelos portugueses em terras brasileiras. Para além destes separadores, temos que considerar um elemento que ocupou lugar de destaque nos jornais ao longo do último quartel do século XIX – listas dos *Portugueses regressados*.

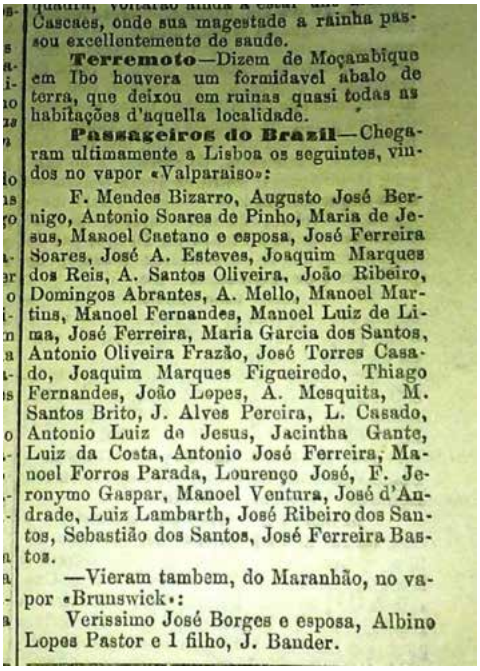
As notícias do Brasil chegavam à redação do jornal através dos jornais enviados por correspondentes ou mesmo pela correspondência que chegava através dos vapores. Como se pode constatar "O Brasil ocupou sempre um grande lugar nas colunas do 'Janeiro', não só sob os diversos aspetos da sua vida política, económica e financeira, como sobre a atividade dos colonos portugueses em terras brasileiras. Assim, quando chegava um barco do Brasil, o jornal publicava sempre a lista dos passageiros desembarcados, pois sabia interessar isso muito às famílias dos antigos emigrantes, quase todas habitando nas províncias do Norte [21]".

Como foi referido anteriormente, são publicadas as listas dos portugueses que chegam a Portugal trazidos nos diversos vapores que zarparam dos portos brasileiros. Estas listas surgem publicitadas quer neste periódico quer mesmo no *Jornal do Porto*. No caso *d'O Primeiro de Janeiro,* as listas surgem publicitadas desde o primeiro ano da sua publicação – 1868 e são publicadas até à sua morte, 1899. Após esta data, as listas surgem publicadas esporadicamente.

20 *Pequena História dum grande jornal.*

21 *Pequena História dum grande Jornal.*

FIGURA N.º 6
Lista de passageiros regressados do Brasil publicadano jornal
O Primeiro de Janeiro, a 26 de outubro de 1879



Cascaes, onde sua magestade a rainha passou excellentemente de saude.

Terremoto—Dizem de Moçambique em Ibo houvera um formidavel abalo de terra, que deixou em ruinas quasi todas as habitações d'aquella localidade.

Passageiros do Brazil—Chegaram ultimamente a Lisboa os seguintes, vindos no vapor «Valparaiso»:

F. Mendes Bizarro, Augusto José Bernigo, Antonio Soares de Pinho, Maria de Jesus, Manoel Caetano e esposa, José Ferreira Soares, José A. Esteves, Joaquim Marques dos Reis, A. Santos Oliveira, João Ribeiro, Domingos Abrantes, A. Mello, Manoel Martins, Manoel Fernandes, Manoel Luiz de Lima, José Ferreira, Maria Garcia dos Santos, Antonio Oliveira Frazão, José Torres Casado, Joaquim Marques Figueiredo, Thiago Fernandes, João Lopes, A. Mesquita, M. Santos Brito, J. Alves Pereira, L. Casado, Antonio Luiz de Jesus, Jacintha Gante, Luiz da Costa, Antonio José Ferreira, Manoel Forros Parada, Lourenço José, F. Jeronymo Gaspar, Manoel Ventura, José d'Andrade, Luiz Lambarth, José Ribeiro dos Santos, Sebastião dos Santos, José Ferreira Bastos.

—Vieram tambem, do Maranhão, no vapor «Brunswick»:

Verissimo José Borges e esposa, Albino Lopes Pastor e 1 filho, J. Bander.

De forma a constituirmos uma pequena amostragem consideramos os anos de 1869 e de 1879. O número de listas publicadas é diferente entre 1869 e 1879, uma vez que ao longo do primeiro ano foram apenas publicadas 9 enquanto no segundo ano surgem 81 listas. Relativamente ao ano de 1869, estas listas foram publicadas com menos frequência em relação ao ano de 1879. Esta frequência poderá estar relacionada com o tráfego de passageiros e o movimento dos vapores.

Os portugueses regressados viajaram em vapores oriundos quer das cidades do Rio de Janeiro, quer da Baía ou de Santos, que aportavam ou em Lisboa ou no Porto. A referência a estas cidades surge nas listas ou por vezes é utilizada outra designação – "(...) dos portos do Brasil (...)".

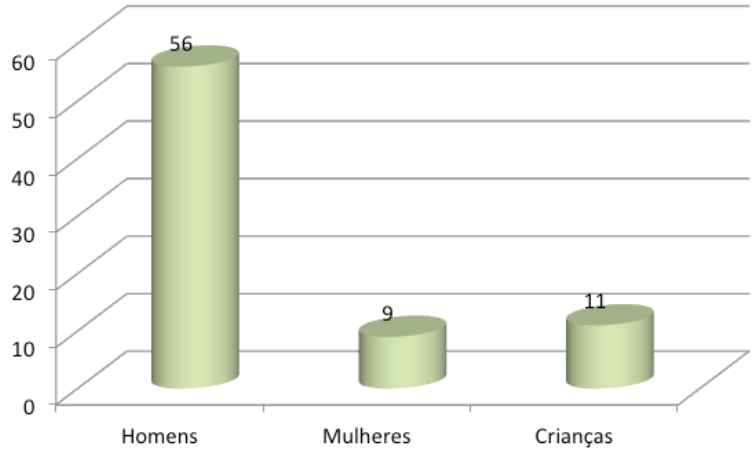
Os nomes dos portugueses regressados surgem agrupados de acordo com os vapores que os transportam. Estes vapores, na sua maioria, são ingleses como é o caso do Maskeline ou o Cotopaxi. Destacando-se também os vapores franceses e alemães.

Ao longo das listas publicadas podemos encontrar três tipos de passageiros:

- Portugueses que regressam definitiva ou ocasionalmente a Portugal;
- Brasileiros que viajam para Portugal;
- Galegos/espanhóis que se deslocavam para a sua terra natal [22].

Os portugueses e os galegos viajam individualmente ou acompanhados pelas suas famílias. Os brasileiros viajam sozinhos para Portugal. Consideramos que esta diferença que se regista entre portugueses, galegos e brasileiros está relacionada com dinâmicas de regresso ao país de origem ou de conhecimento de um território europeu. No caso da divisão por géneros, esta é bastante heterogénea, uma vez que surgem referidos homens e mulheres em simultâneo. No entanto, o número de homens referido é superior, como se pode constatar, a título de exemplo, na lista transcrita no dia 7 de abril de 1869:

GRÁFICO N.º 1



22 Os galegos que regressam à sua terra de origem são designados como *indianos.* Este termo é usado para designar os emigrantes de origem espanhola, nomeadamente originários do Norte de Espanha (Galiza, Astúrias, Cantábria) que emigraram para o continente americano e obtiveram sucesso, tendo regressado endinheirados e se tornaram importantes beneméritos da sua localidade e do próprio país. Um grande número de emigrantes galegos que emigrou para o continente sul-americano fá-lo utilizando os portos portugueses. Tal como acontece com os *brasileiros,* os *indianos* procuram melhorar a sua localidade de origem através de investimentos e da construção/restauro de escolas primárias, hospitais, estradas ou até mesmo cemitérios.

Ao longo das listas de portugueses regressados, encontramos a referência a mulheres que regressam acompanhadas pela família (cônjuge e filhos) ou então fazem-no isoladamente. Um exemplo é o caso registado no dia 16 de fevereiro de 1879 da D. Maria Madalena Monteiro que regressa sozinha ao Porto oriunda da cidade do Rio de Janeiro. No caso dos menores que viajam para Portugal, estes fazem-nos acompanhado pelos seus familiares, sendo referidos como: "(...) Manoel Pinto da Costa Júnior, sua esposa e 1 filho, (...)".

Entre os portugueses que regressam a Portugal, destacamos algumas personalidades que surgem referidos nestas mesmas listas: António Ignacio Pereira, Rafael Bordalo Pinheiro, Barão da Póvoa do Varzim [23], António Pinto Ramos ou o Barão da Trovisqueira.

No caso dos brasileiros, as referências que encontramos são na sua maioria, personalidades que se destacam na sociedade e que realizam esta viagem individualmente. Citemos alguns exemplos como o Barão do Campo Alegre [24], o Barão de São Joaquim [25] ou o fotógrafo Felipe Augusto Fidanza [26].

Como se pode verificar o Brasil ocupa um importante espaço na imprensa periódica portuguesa, nomeadamente n'*O Primeiro de Janeiro*. Consideramos que estas listas de passageiros chegados do Brasil poderão constituir uma importante fonte para o estudo da emigração, bem como poderão auxiliar em estudos de caso, permitindo-nos estabelecer o regresso dos portugueses ou ainda constatar das constantes viagens realizadas por estes. Consideramos que os *brasileiros,* cuja principal actividade era o comércio, após o regresso a

23 O título de Barão da Póvoa do Varzim foi atribuído a Manuel Fernandes da Silva Campos (1826-?) por decreto de D. Luís I de Portugal de 18 de maio de 1868. Este era um empresário português e um *brasileiro de torna-viagem.*

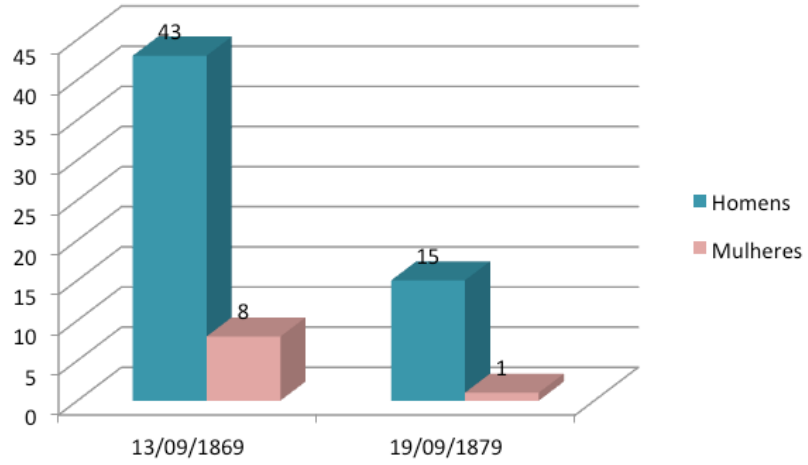
24 Joaquim de Sousa Leão (1867-1900) foi o primeiro barão e Visconde de Campo Alegre. Era um importante fazendeiro de cana-de-açúcar e proprietário de em engenhos na região de Pernambuco. O título de barão foi-lhe concedido por decreto imperial de 10 de abril de 1867. Em 9 de agosto de 1884 foi agraciado com o titulo de Visconde e de comendador da Imperial Ordem da Rosa e da Imperial Ordem de Cristo.

25 José Francisco Bernardes (1836-1916) foi o primeiro e único Barão de São Joaquim. Era um importante fazendeiro brasileiro que se tornou comendador da Imperial Ordem da Rosa e da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa.

26 Felipe Augusto Fidanza (Lisboa, c. 1847-Belém do Pará, 20 de janeiro de 1903) era um importante fotógrafo português radicado na cidade de Belém do Pará. Foi considerado o mais importante fotógrafo em atividade no Estado do Pará nos finais do século XIX e princípios do século XX. Em 1867, já se encontrava estabelecido na cidade de Belém do Pará como fotógrafo com um atelier – *Photographia Fidanza.* Durante a sua atividade fotografou pessoas de várias classes sociais e etnias. Estas fotos eram enquadradas com cenários pintados. Foi considerado ainda o pioneiro dos cartões-postais fotográficos no Brasil.

Portugal, continuam a manter relações quer de negócios quer laços de amizade com o Brasil. Esta continuidade de relações prende-se com a manutenção dos negócios em terras brasileiras e o contínuo envio de remessas monetárias para Portugal. Desta forma, o número de *brasileiros* é variável, como se pode verificar pelo exemplo apresentado.

GRÁFICO N.º 2



Na mesma secção do jornal, encontram-se ainda referências aos portugueses que faleceram nas principais cidades brasileiras, indicando-se o nome e a causa da doença. Em alguns casos era ainda referida a idade dos *Portugueses falecidos*. A referência aos portugueses que faleceram no Brasil era obtida a partir de listas que eram enviadas quer através dos jornais brasileiros que chegavam nos vapores quer de informações prestadas pelos cônsules.

Para além das listas de *Portugueses regressados* e de *Portugueses falecidos*, existia, ainda, uma secção no jornal intitulada *"Brazil"*, onde eram publicadas notícias sobre os emigrantes portugueses e as atividades desenvolvidas por estes bem como outras atividades de promoção de Portugal. Por exemplo, a 02 de Agosto de 1879 é publicada na secção "Brazil" do jornal a seguinte notícia: "Na cidade do Rio de Janeiro nomeou-se uma commissão, de que ficou

presidente o snr. Visconde de Matosinhos [27], para promover uma manifestação commemorativa da viagem do explorador portuguez Serpa Pinto [28]". Para além destas referências alusivas a Portugal, são feitas outras relacionadas com o contexto político, económico e social do país. Um exemplo é o conjunto de artigo publicados ao longo do ano de 1879 relativamente à Exposição Portuguesa no Brasil. Nestes artigos são evocados produtos, artistas e personalidades portuguesas como é o caso do Barão do Calvário, Manoel Pereira da Silva.

A partida dos portugueses para o Brasil é referida da seguinte forma: "Acaba de partir para o Rio de Janeiro, o senhor comendador Joaquim José de Campos. Desejamos-lhe boa viagem". Esta notícia data de 23 de janeiro de 1879.

As referências às partidas de portugueses para o Brasil constituem notícias comuns que eram publicadas nos periódicos locais e nacionais da época, procurando de alguma forma noticiar a saída destes para territórios estrangeiros. Em contrapartida, são noticiados os regressos, as dádivas, as subscrições realizadas entre os emigrantes em terras brasileiras.

Gostaríamos de referir que este levantamento quer das listas de passageiros dos vapores em direção a Portugal quer mesmo os artigos sobre os emigrantes aqui referidos constituem uma amostragem que consideramos ser importante continuar a realizar. Estas listas poderão constituir um importante elemento de

27 João José Reis (1820-1888) foi o primeiro visconde e primeiro conde de São Salvador de Matosinhos. Era filho de Francisco José dos Reis e de Rita Rosa Chapuz da Silva, naturais do concelho de Bouças. Em 1833 partiu para o Brasil, com treze anos de idade. Neste país começou a desenvolver a atividade comercial com grande dedicação. Oito anos depois conseguiu estabelecer-se com o Major António José do Amaral, que foi também seu sogro, concedendo-lhe a mão de sua filha D. Joaquina Maria do Amaral Reis de cuja união teve dois filhos. Rapidamente se transformou de empregado em patrão, tendo criado uma casa comercial. Tornou-se presidente da Companhia Brasileira de Navegação a Vapor, do Banco Comercial do Rio de Janeiro e foi o principal fundador do *Brasilian and Portuguese Bank*. Foi presidente honorário das Associações Comerciais do Porto e Lisboa, director-secretário do Banco do Brasil e da Associação Comercial do Rio de Janeiro, na qualidade de representante do comércio português. Protegeu numerosas instituições de caridade, tais como: o Asilo Profissional de Benemerência Portuguesa; a Sociedade Portuguesa de Beneficência, na mesma cidade; a Sociedade Beneficente Lusitana, de Montevideu; a Caixa de Socorros D. Pedro V; os Albergues Nocturnos de Lisboa; a Oficina de S. José, no Porto. Foi sócio benemérito do Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro e do Liceu Literário Português do Rio de Janeiro e membro da comissão consultiva do Consulado Geral de Portugal na capital brasileira. O governo português conferiu-lhe o Grau da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa, título de Fidalgo Cavaleiro da Casa Real, Comenda da Ordem de Nossa Senhora de Jesus Cristo, título de primeiro Visconde de S. Salvador de Matosinhos e de conde, concedidos, por D. Luís, o primeiro em 1873 e o segundo pelo mesmo soberano, em 1880.

28 *O Primeiro de Janeiro,* 2 de agosto de 1879.

estudo para a emigração, na medida em que possivelmente poder-se-á definir o regresso ou as deslocações periódicas dos emigrantes entre os dois territórios. Por outro lado, nestas listas podemos encontrar a referência a importantes portugueses que, após o seu regresso, continuam a realizar viagens para o Brasil, bem como brasileiros que se deslocam até Portugal quer em visita quer mesmo em negócios.

CONCLUSÃO

À semelhança dos periódicos locais, por nós referidos em comunicações anteriores, importa destacar a preponderância da imprensa enquanto fonte a destacar no estudo da emigração. *O Primeiro de Janeiro* assume uma importância primordial na medida em que este foi fundado por um *brasileiro* que procurou manter um contacto regular com o Brasil quer através deste periódico quer mesmo pelas actividades de beneficiação (construção de estradas ou da estância da Torre) que desempenha entretanto na sua localidade de origem ou mesmo em termos nacionais quer mesmo de filantropia, como se pode verificar pelos legados do seu testamento. O Brasil constitui uma presença frequente na actividade deste ilustre *brasileiro,* que procura através do seu jornal manter um contacto regular quer pelas listas de regresso dos portugueses quer mesmo pelas notícias que iam sendo publicadas.

Simultaneamente, importa destacar o papel desempenhado por Gaspar Ferreira Baltar enquanto *brasileiro* que procurou auxiliar todos aqueles que se cruzaram com ele fosse no jornal fosse nas suas mais diversas atividades: "O Baltar do Janeiro não acompanhava quem deixasse de acompanhar o povo, porque o povo fôra que lhe fizera o jornal, que do povo veio e do povo era [29]".

29 BESSA, 1931: 180-181.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

FONTES

"Pequena História de um grande jornal"*,* 1968, *Cadernos do Centenário*. Porto, *O Primeiro de Janeiro*.

"GASPAR FERREIRA BALTAR", in *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa: Editorial Verbo, vol. 4, p. 80.

PRIMEIRO DE JANEIRO (O), in *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa: Editorial Verbo, vol. 23, p. 258-261.

BIBLIOGRAFIA

BALTAR, Gaspar Ferreira, 1934 – À Hora do Chá. Porto: Livraria Lello.

BASTO, Artur de Magalhães, s/d – *Homens e Casos duma geração notável*. Porto: Livraria Progredior.

BASTO, Artur de Magalhães, 1939 – "Três fases do jornalismo portuense", in *Boletim Cultural*. Porto, vol. II, fascículo III. Porto: Câmara Municipal do Porto.

BESSA, Alberto, 1931 – "Jornais da Minha Terra – Subsídios para uma Bibliografia do Jornalismo Portuense". *O Tripeiro,* 4.ª série, vol. VII. Porto.

FREITAS, Eugénio de Andrea da Cunha e, 1977 – *Carvalhos de Basto – a descendência de Martim Pires de Carvalho, Cavaleiro de Basto*. Porto: s/ed.

LEAL, Augusto Soares Barbosa de Pinho, 1873 – *Portugal Antigo e Moderno*. Lisboa: Livraria Editora de Matos.

LIMA, Helena Laura Dias, 2009 – "Os diários portuenses e a evolução do modelo ideológico para os projectos de imprensa industrial", in *XXIX Encontro da Associação Portuguesa de História Económica e Social*. Porto: FLUP.

LIMA, Helena Laura Dias, 2008 – *Os Diários Portuenses e os Desafios da Actualidade na Imprensa: tradição e rupturas*. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

MENDES, J. J., 2002 – *Santuário de Nossa Senhora da Piedade e Santos Passos – Penafiel*. Penafiel: Edição de Confraria de Nossa Senhora da Piedade e Santos Passos de Penafiel.

PACHECO, Elsa Maria Teixeira, 1992 – "Os transportes colectivos rodoviários no Grande Porto". *Revista da Faculdade de Letras. Geografia*, I série, vol. VIII. Porto: Faculdade de Letras.

SARGES, Maria de Nazaré; PEREIRA, Rosa Claúdia Cerqueira, 2011 – "Photografia Fidanza: um foco sobre Belém (XIX/XX)". *Revista de Estudos* Amazónicos, vol. VI, n.º 2. Belém do Pará.

SOUSA, António Gomes de; COELHO, Manuel Ferreira, 1991 – "Natural de Penafiel – o Fundador de 'O Primeiro de Janeiro'". *Temas Penafidelenses*, vol. IV. Penafiel: s/ed.

VIEIRA, José Augusto, 1987 – *O Minho Pitoresco, Tomo II*. Valença: Rotary Club de Valença.

ZUQUETE, Afonso Eduardo Martins (coord.), 1960 – *Nobreza de Portugal e do Brasil*, III volume. Lisboa/Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia.